

A INFLUÊNCIA DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NA DINÂMICA DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

THE INFLUENCE OF MOBILE DEVICES IN THE DYNAMICS OF CONTEMPORARY FAMILY

Edneia Dothling Linhares

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)
neiadot@hotmail.com

Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)
irenides@gmail.com

Resumo: *Este estudo teve por objetivo compreender as mudanças na dinâmica da família contemporânea com a utilização dos dispositivos móveis. A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, na medida em que buscou compreender a obtenção e exposição de dados representativos da tecnologia móvel e da família contemporânea. Considerando ser uma pesquisa de campo e quantitativa, trabalhou com amostras de dimensões que permitiram análises estatísticas sem, no entanto, preocupar-se com a representatividade da amostra. Contudo, após a análise dos dados, buscou-se compreender e correlacionar as mudanças de comportamento quanto à utilização de aparelhos móveis, levantando as possíveis facilidades e dificuldades desse uso, subsidiando novos estudos para construção de uma forma diferente de abordar o problema.*

Palavras-Chave: *Família; Tecnologia; Dispositivos móveis.*

Abstract: *This study was objective to understand the changes in the dynamics of contemporary family with the use of mobile devices. This research is characterized as descriptive, in that it sought to understand and to obtain data representative of exposure of mobile technology and the contemporary family. Whereas it is a field research and quantitative worked with sample sizes that allowed statistical analysis without, however, worry about the representativeness of the sample. However, after analyzing the data, we sought to understand and correlate the behavioral changes in the use of mobile devices, raising the possible advantages and difficulties of such use, supporting new studies to build a different way of approaching the problem.*

Keywords: *Family; Technology; Mobile devices.*

Introdução

No século XXI a sociedade depara-se com o estar conectado, tendo como principal fundamento a mobilidade, a acessibilidade e a movimentação de pessoas, objetos e tecnologias que favorecem a extensibilidade – capacidade de uma pessoa ou grupo de superar as dificuldades de movimento e de espaço (LEMOS, 2013).

Na concepção de Oliveira (1996), as modificações socioeconômicas, culturais e políticas ocorreram ao longo do tempo, principalmente, no campo das relações e das tradições familiares, no qual a hierarquização familiar não é mais definida, como se dava na composição tradicional de núcleo familiar do século passado. Na contemporaneidade, ocorreram mudanças na configuração familiar de modo a afetar a autonomia do indivíduo - agora pautado na valorização da individualidade - a afetividade e as formas de se comunicar – agora conectados pela internet.

Nesse contexto, a internet tem revolucionado o modo de ser das pessoas, gerando transformações na sociedade, favorecendo o surgimento de demandas que interessam à área de conhecimento da Psicologia. Nesse sentido, acredita-se que seja de grande importância o desenvolvimento de estudos que aprofundem a compreensão do fenômeno tecnológico e como as pessoas estão experimentando as novas formas de ser.

Considerando esse cenário, o problema de pesquisa procurou identificar o que mudou na dinâmica da família contemporânea com a criação de novas possibilidades de comunicação através das tecnologias móveis e do espaço eletrônico.

Este estudo teve por objetivo geral: compreender as mudanças na dinâmica da família contemporânea com a utilização dos dispositivos móveis. Para atingir essa finalidade, teve-se como objetivos específicos: 1) Investigar a importância da comunicação e do relacionamento

para os membros da família. 2) Identificar como a família está imersa na era digital. 3) Identificar as mudanças na dinâmica familiar e o surgimento de novas necessidades. 4) Estudar as funções que os dispositivos móveis desempenham na família contemporânea. 5) Verificar se o uso desses dispositivos tem contribuído com a comunicação e o relacionamento familiar ou o dificultado.

Conceitos de família e sua evolução

Estudar a origem da família e conceituá-la exigiu esforços de autores como os citados por Osório (2011) ao destacar as observações feitas por um pediatra, Escardó (1955), que entendia a família como uma instituição dinâmica, que muda ao longo do tempo, adotando estruturas e formas de funcionamentos extremamente diversificados. Do ponto de vista do antropólogo Levi-Strauss (1958), “são três os tipos de relações pessoais que configuram a família: aliança (casal), filiação (pais e filhos) e consanguinidade (irmãos)” o que nos remete a um conceito de parentesco. Já para o psicanalista Pichon-Rivière (1981), a família consiste em oferecer um local ideal para manutenção das diversidades humanas, proporcionando algo de maneira que levam as pessoas a desenvolverem seus papéis distintos, reciprocamente ligados aos pais, mães e filhos representando a base das culturas.

A compreensão de Zimmerman (1993) é que:

O grupo familiar nunca é estático, antes, ele comporta-se como um campo grupal dinâmico, onde circulam em todos os níveis, uma rede de necessidades, desejos, relações objetais, ansiedades, mecanismos defensivos, mal-entendidos, afetos contraditórios etc (p.25).

Até a metade do século XIX, no então período colonial, as famílias viviam em fazendas com os filhos e escravos, e a produção de alimentos eram na própria fazenda. Na época, a criança, ao adquirir autonomia, já estava apta para o trabalho (MELMAN, 2006). Neste contexto, as famílias tinham em suas casas um senhor que tinha o papel de chefe da família, era o pai, o esposo e o comandante da tropa, o restante da família o respeitava e seguia suas regras e normas.

Desde a revolução industrial, a invenção da máquina a vapor e o desenvolvimento dos meios de transportes, o trabalho da família vem sendo impactado pelo desenvolvimento tecnológico, modificando radicalmente a vida econômica, social, política e cultural da humanidade (DIAS, 1997). Assim, a sociedade tornava-se fortemente industrial e capitalista. A indústria têxtil se destacava como principal fonte de negócios e lucros. Estas indústrias eram dominadas pela burguesia que mantinha a concentração da renda, e, pagava para os operários um baixo salário, com poucos direitos trabalhistas. Logo, foi desencadeada uma grande desigualdade social.

Sarti (2010) relata que na década de 1960 a mulher passou a controlar sua vida e sexualidade, isso só foi possível com o surgimento da pílula anticoncepcional. E, como resultado desse movimento, a maternidade não é mais vista como um destino, mas sim como uma escolha. Nesse sentido, possibilitou á mulher conquistar seu espaço fora do ambiente familiar, bem como, a sua inserção no mercado de trabalho, tendo então que dividir a educação dos filhos com o pai e a possibilidade de ampliar seu espaço bem como seus relacionamentos.

Família Contemporânea

Novos *status* familiares vão surgindo a cada dia, exigindo novos papéis que ainda não possuem uma classificação de parentesco. Desse modo, a família é vista na contemporaneidade como um universo de diferentes relações em que acontecem as mudanças de várias formas em cada uma delas. Tais mudanças familiares são marcadas com a perda do sentido da tradição social entre os seus membros, tais como, a celebração do casamento, a dinâmica da família, a sexualidade e o trabalho (SARTI, 2010). Portanto, a individualidade tem sido valorizada pela sociedade atual e, além disso, é de grande importância para sintetizar as mudanças vigentes que atingem as relações familiares. Conforme aponta o autor, o problema da nossa época é, então, o de compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares. “As pessoas querem aprender, ao mesmo tempo, a serem sós e a serem juntas” (SARTI, 2010 p.43).

A afetividade e o diálogo são a base para a família em qualquer etapa da vida, compreendendo

que aquela é o alicerce para constituir e reconstituir a estrutura familiar enquanto o este é visto como um meio de manter e/ou organizar novamente a estrutura familiar dos subsistemas, seja entre o casal, e entre as gerações. E, para estabelecer, alimentar e fortalecer tal afetividade e diálogo existem várias possibilidades, tanto presenciais quanto à distância.

A estrutura familiar não é restrita à espécie humana. O mundo animal nos revela várias formas de estrutura e comportamentos familiares apresentando características marcantes do que é a família na contemporaneidade (OSÓRIO, 2011). Assim como na espécie humana, entre os animais podem-se encontrar diversas formas de organização familiar, caracterizando uma relação de cuidado tanto paterna e materna, como também do “coração” para garantir a sobrevivência da espécie. Ainda segundo o autor,

As abelhas operárias, que são filhas estéreis das abelhas rainhas, constituem entre si uma fratria ou comunidade de irmãs com funções de mútuos cuidados, proteção e alimentação, assemelhando-se às “irmãs” de caridade ou religiosas celibatárias que, abrindo mão de sua função procriadora, se dedicam aos cuidados de órfãos (OSÓRIO, 2011, p.18).

Nesse breve relato sobre alguns dos comportamentos grupais de algumas espécies animais, comparando-se com os seres humanos, traz um entendimento de que a família não é considerada somente na estrutura de pai, mãe e filhos, mas se apresenta e se constitui em vários arranjos que não se limitam somente à consanguinidade, função reprodutora e heterossexualidade, mas é considerada por uma série de outros arranjos estabelecidos por seus membros destacando-se: a afetividade, amizade, comprometimento, deveres compartilhados, contratos de união civil ou religiosa, tanto de casais héteros ou homossexuais, entre outras configurações.

Fenômeno tecnológico

Para falar de tecnologia, faz-se necessário compreender o que vem a ser técnica: vem do grego *tekhnè*, que significa arte, habilidade, o saber fazer humano, ou seja, o desenvolvimento e emprego de ferramentas criadas pelo homem para determinados objetivos a fim de obter resultados, seja no campo da ciência, da tecnologia, da arte ou outras atividades (LEMOS, 2013). “A origem do homem coincide com a origem da técnica” (p.390), essa que se separa da religião é vista como um instrumento profano que veio para transgredir a ordem da natureza, gerando medo, e também como potência para a transformação do mundo.

A descoberta do fogo e a sua utilização foram um marco na evolução tecnológica. Nesse período, o homem fazia uso da matéria prima, transformando-a em produtos para sua sobrevivência. Na revolução Neolítica, surge o primeiro sistema técnico com a criação das primeiras civilizações, quando aparece na sociedade uma estrutura hierarquizada. Marcada pelo crescimento das cidades e impérios, o aparecimento da escrita, o avanço dos transportes, a metalúrgica e a arte da guerra (LEMOS, 2013).

A civilização romana fez progredir técnicas sociais e não apresentou novidades em relação ao desenvolvimento e invenções da civilização grega. Portanto, segundo Santos e Nascimento (S/D) esta estabilidade do Império Romano foi importante para fortalecer a organização social e administrativa, visto que o homem passa a aprimorar técnicas como energia hidráulica e eólica para desvincular-se da força humana.

Na Idade Média, houve avanços tecnológicos que estavam ligados à expansão marítima comercial e que vieram contribuir para a economia da sociedade. Lemos (2013) aponta que

passamos do paradigma clássico de astúcia com a natureza para uma simbologia medieval que prepara a modernidade ao exercício de uma astúcia antropocêntrica da técnica. Nasce, aqui, um novo código de conduta que vê na técnica um instrumento de transformação radical do mundo, passando a ser mesmo a condição ontológica de uma escatologia do progresso (p. 44).

O Renascimento é considerado como um marco em relação à evolução das técnicas, sendo conhecida como a era do maquinismo. Deste modo, o século XV foi o cenário de uma grande revolução no campo tecnológico com a invenção da imprensa que contribuiu para irradiar o conhecimento, aparecendo os primeiros manuais técnicos para demonstrar o domínio da tecnologia. Lemos (2013) afirma que “aqui, radicaliza-se a fascinação pelo espírito de descoberta científica, a potência da razão prática, a crença no ser humano como reordenador do cosmo pela ação tecnocientífica, a natureza como objeto de livre conquista” (p.45).

No final do Renascimento, a invenção da imprensa tornou-se importante para o desenvolvimento científico, pois facilitou a reprodução do conhecimento através das gravuras em madeiras ou cobre, possibilitando as cópias e facilitando o registro e a intercomunicação científica (MÁTAR NETO, 2003).

A Revolução Industrial do século XVIII é considerada a precursora do capitalismo acompanhada da revolução tecnológica que causou grande impacto na produção, afetando o nível econômico e social que acompanha até os dias atuais. No entanto, “a euforia dos séculos XVIII e XIX, que nasceu da liberdade do pensamento com relação à religião e à fé, revolucionou as relações humanas e sociais, transformou as cidades e o campo” (MOSÉ, 2013 p.29).

Podemos pensar a história do desenvolvimento tecnológico em três grandes fases: “a fase de indiferença (até a Idade Média), a fase do conforto (Modernidade) e a fase da ubiquidade (Pós-Modernidade)” (LEMONS, 2013, p.53). O autor aponta a fase da indiferença como uma mistura entre arte, religião, ciência e mito, a técnica é vista como elemento de reflexão; a fase do conforto pela conquista do espaço e progresso tecnológico; e a fase da ubiquidade que permite a simulação, de poder estar em vários lugares ao mesmo tempo denominado também como a fase da Cibercultura¹.

O processo de comunicação na era virtual

O estudo desenvolvido por Teixeira, Froes e Zago (2006) reforça o entendimento de que as mudanças de hábitos e costumes que ocorreram ao longo do tempo afetaram a comunicação entre os membros da família. A internet, os celulares, a televisão e outros meios de comunicação passaram a interferir na dinâmica familiar e nos relacionamentos.

Nicolaci-da-Costa (2005) discorda que a interação mantida nos relacionamentos entre pessoas que se conhecem ou não, seja algo novo e exclusivo da era digital, e, destaca que “essas interações são tão antigas quanto às trocas de cartas” (p. 4). Em 1876, com a invenção do telefone fixo considerado o primeiro aparelho de comunicação virtual. Era então restrito a poucos devido ao alto custo, e utilizado apenas nos negócios, não apresentando até o momento pontos negativos. Na década XX, o telefone fixo chegou ao âmbito familiar sendo utilizado para manter os relacionamentos interpessoais, e houve preocupações na época, quanto às consequências negativas e rupturas nas relações familiares, bem como, o distanciamento entre as pessoas de perto. Portanto, Nicolaci-da-Costa (2005, p. 4) completa que:

Como o telefone a muito faz parte das nossas vidas, todos sabemos que ele não gerou problemas familiares nem tampouco diminuiu o contato físico com conhecidos. Simplesmente ampliou as possibilidades de comunicação entre interlocutores pertencentes a uma rede de sociabilidade já existente no mundo “real”. Não gerou a possibilidade de conhecer estranhos com os quais fosse possível desenvolver relacionamentos virtuais porque não gerou ambiente que possibilitassem esse tipo de encontro.

Ao surgir a sociedade em rede, a revolução tecnológica deu acesso à informação e ao saber, ou seja, ao poder como aponta Mosé (2013, p. 23):

¹ Segundo Lévy (1999, p.130), a cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de cooperação.

Essa sociedade, que nasceu como sociedade da informação e que, com as redes sociais, se tornou sociedade do conhecimento, porque produz conhecimento em tempo real, desfez as antigas estruturas de poder, ao mesmo tempo em que deu à luz novas. Cada vez mais trocas conceituais são diretamente realizadas, novos acordos são feitos, alguns absolutamente inéditos. Não apenas pessoas antes isoladas puderam ganhar poder, mas, com o acesso cada vez mais democratizado à informação, uma geração de jovens, munidos de algum conhecimento e muita ousadia, produziu novos centros geradores de lucro e desfizeram antigos, ao mesmo tempo em que criou novos modelos de negócios, novos modos de gestão, e inspirou novas lideranças.

A necessidade do ser humano de se comunicar é uma característica inata e que demanda instrumentos inovadores como alternativas para facilitar sua adaptação frente às novas realidades sociais. Atualmente, pode-se constatar que a sociedade incorporou esta ferramenta como essencial para desenvolver grande parte das suas atividades, conforme aponta Verza (2008)

A introdução do aparelho celular no cotidiano das pessoas como um fenômeno social que instaurou uma nova tecnologia, mas que ao mesmo tempo renovou-se para dar conta de uma necessidade antiga do homem: a de comunicar-se (p.13).

A internet, ou ciberespaço², comporta hoje a memória dos indivíduos, significando, grande parte do conteúdo das bibliotecas, dos museus, dos arquivos, das mídias, de todas as mensagens produzidas pelos seres humanos encontra-se no interior dessa rede, acessíveis a maior parte do tempo gratuitamente e em escala mundial. Essa é uma situação completamente nova conforme destaca Lemos (2013, p. 13)

Muitos entre nós já participamos on-line de múltiplas trocas de ideias, de informações e de serviços. Nós estabelecemos conversações em comunidades virtuais de todo tipo ao longo das redes móveis em reconfiguração contínua.

Não é a primeira vez que ocorreram grandes mudanças da comunicação humana. Já aconteceu em outros momentos da história, quando surgiu a escrita, por exemplo. Foi a primeira vez que a linguagem podia subsistir de maneira externa, que havia uma memória da linguagem exterior e permanente que não estava mais ligada à memória biológica de um ser humano vivo.

Pontos relevantes no contexto da família

As redes sociais são muito mais do que *sites* que reúnem pessoas. Elas atendem a um desejo mais primitivo do homem, o de socialização. Não é por acaso que são consideradas o acontecimento mais impactante da sociedade desde a revolução industrial. A transformação proposta pelas mídias sociais impacta a maneira como o sujeito percebe a sociedade, o modo como ele se comunica, se relaciona e compartilha momentos do seu cotidiano.

Nessa teia comunicativa emergem milhares de atores interconectados que constroem, compartilham, tecem subjetividades de modo que contextos coletivos de interação são estabelecidos. Nesta perspectiva, percebemos que as redes sociais digitais (re)configuram as subjetividades e socialidades bem como a memória, expectativas e anseios dos sujeitos, alterando os modos de trocar informações, adquirir conhecimento, atuar, perceber e representar o mundo, num contexto mais divertido, mais fluido, mais autoral (TEIXEIRA, 2014 p.43).

² Segundo Lemos (2013 p. 127) ciberespaço é o conjunto de redes de telecomunicações criadas com o processo digital de circulação das informações.

As pesquisas de Del Prette e Del Prette (2001), em relação à internet, revelam que os jovens têm diminuído bastante os seus contatos face a face, passando a adotar hábitos de internautas e, como resultado, viabilizando o isolamento social. Os referidos autores analisam que, com a possibilidade de acesso às Redes Sociais, os jovens têm diminuído o seu contato social direto ou que permite o conhecimento verdadeiro de si e do outro, e ao estabelecer esse contato social virtual é totalmente antagônico em relação à interação face a face, pois diminui as possibilidades do conhecimento verdadeiro do outro.

Contudo, os autores acrescentam que, “apesar desses problemas, esses instrumentos eletrônicos podem ser utilizados como aliados no desenvolvimento da qualidade das relações interpessoais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 45). Assim, o uso das redes sociais pode ser considerado um espaço favorável para fazer amizades e conhecer outras pessoas que não fazem parte do seu cotidiano.

Por sua vez, na opinião de Hintz (2001), a facilidade do acesso às Redes Sociais nas residências possibilita aos membros da família o estabelecimento de comunicação com outras pessoas sem ao menos conhecê-las, comprometendo às vezes a privacidade, o diálogo e a intimidade da família. Esta tecnologia que deveria ser usada como instrumento para proporcionar a qualidade de vida da família pode também provocar o afastamento no relacionamento entre cônjuges, pais e filhos.

Na relação entre pais e filhos, as tradições antigas são abandonadas, os filhos pensavam que os seus pais eram heróis e que os pais sabiam de tudo, fazendo com que se sentissem seguros e protegidos. Mas com os novos recursos, os pais estão mais ocupados e acabam pedindo que o filho ensine a utilizar essa nova tecnologia, estabelecendo uma relação de ensino-aprendizagem. Porém, é importante salientar que essa relação de ensino-aprendizagem pode ser delicada, conforme apontam (RIBEIRO; FIALHO, 2013, p. 78).

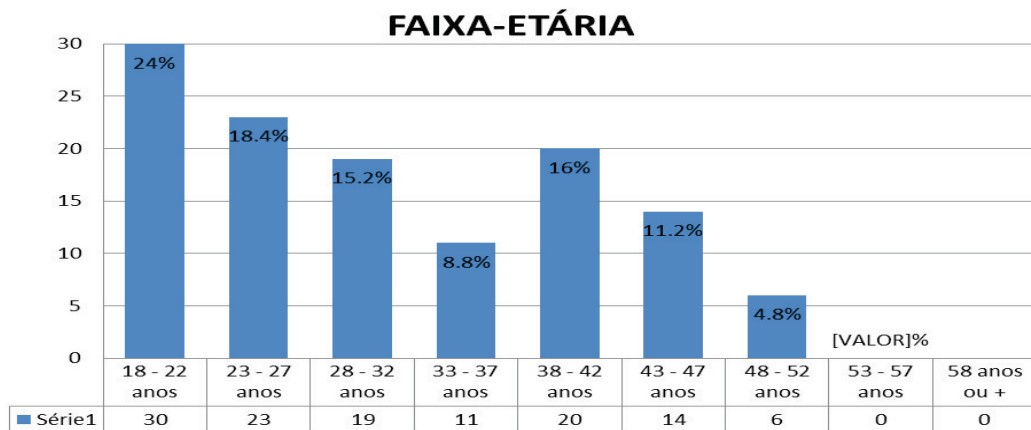
A paciência que os pais geralmente têm ao ensinar seus filhos a andar de bicicleta, a fazer um dever de casa, ou a dizer que não se deve pisar na grama, não é a mesma paciência demonstrada pela grande maioria dos filhos adolescentes quando o pai lhe pede para fazer algo em seu novo aparelho que ele ainda não sabe lidar.

Os autores complementam ainda que não sabem ao certo como se estabelece a relação da autoridade dos pais sobre os filhos, em relação aos ensinamentos do pai ou se contribui para a aproximação ou afastamento. Mas acreditam que essa mudança tira os pais de sua zona de conforto.

Da pesquisa

O presente trabalho consistiu em uma pesquisa descritiva, de natureza quantitativa com aplicação da técnica de pesquisa de campo. Primeiramente, buscou-se realizar uma revisão sistemática da literatura disponível a partir de livros, artigos, dissertações, monografias, periódicos (revistas, boletins, jornais), entre outros referentes ao tema. Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa foi disponibilizado um *link* com um questionário de 20 questões na rede social *Facebook*, entre o período de 12 a 19 de Março de 2015. Para ter acesso ao instrumento, o participante teve que acessar o *link* e, obrigatoriamente, responder “SIM” ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O presente estudo contou com uma amostra de 123 sujeitos que aceitaram participar voluntariamente. O processamento dos dados obtidos foi realizado pela ferramenta *google drive* e manualmente, sendo que as variáveis foram apresentadas em forma de gráficos, mediante descrição com categorização das respostas com perguntas abertas.

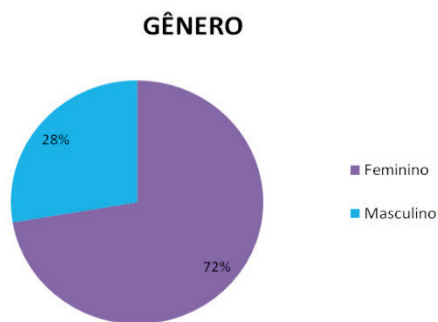
Gráfico 1 - Faixa etária



Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015)

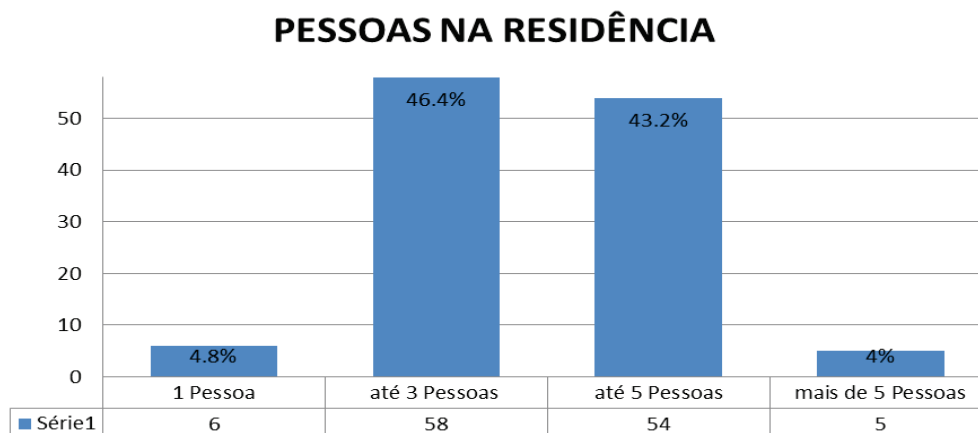
O gráfico 1 representa que os usuários estão em sua grande maioria entre 18 e 47 anos, que representam juntos 93.6% do total que responderam ao questionário. A partir desses resultados, é possível perceber cada vez mais que os dispositivos móveis estão presentes no cotidiano das pessoas aumentando a possibilidade de comunicação e interação.

Gráfico 2 – Gênero



Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015)

Gráfico 3 - Quantidade de pessoas que moram na casa



O gráfico 2 mostra que do universo dos usuários que utilizaram o Facebook para responderem Ao questionário, 72% são do sexo feminino, contra 28% do sexo masculino.

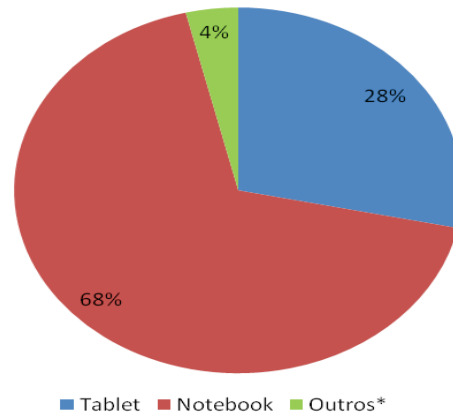
Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015).

A representação do gráfico 3 mostra que, de todos os indivíduos que compõem o estudo, 46,4% moram com até 3 pessoas, sendo a maioria. Logo em seguida 43.2% com até 5 pessoas. Os que moram sozinhos representam 4,8%, e, com mais de 5 pessoas são apenas 4%.

Perfil tecnológico

Gráfico 4 - Dispositivos Móveis na residência.

DISPOSITIVOS MÓVEIS NA RESIDÊNCIA



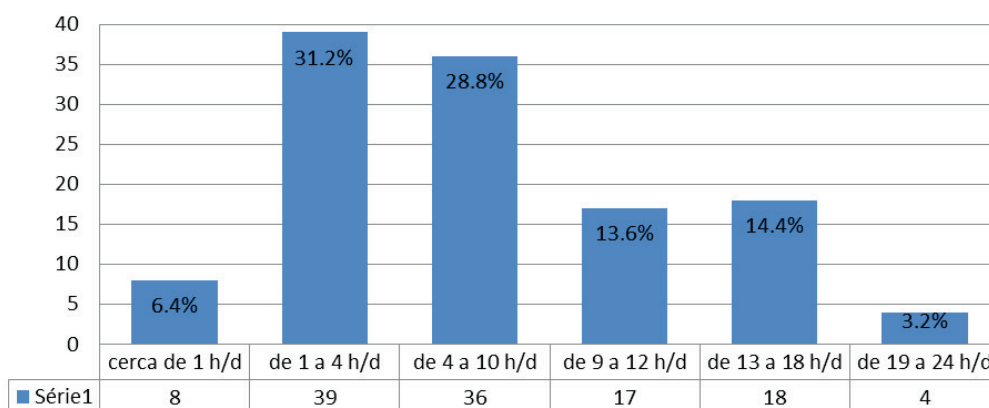
* Especifique qual(is) Outros: *Kindle e-reader; Computador; Nintendo 3D.*

Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015).

É possível perceber no gráfico 4 que o uso de celular se tornou ferramenta indispensável no cotidiano das pessoas, dos 123 participantes da pesquisa, respectivamente 100%, ou seja, todos possuem aparelho celular, em seguida 68% possuem notebook e celular, 28% possuem celular, notebook e tablet, e apenas 4% possuem celular, notebook, tablet, nitendo 3DS, Kindle e-reader e computador.

Gráfico 5 - Tempo diário de uso dos dispositivos (hora/dia).

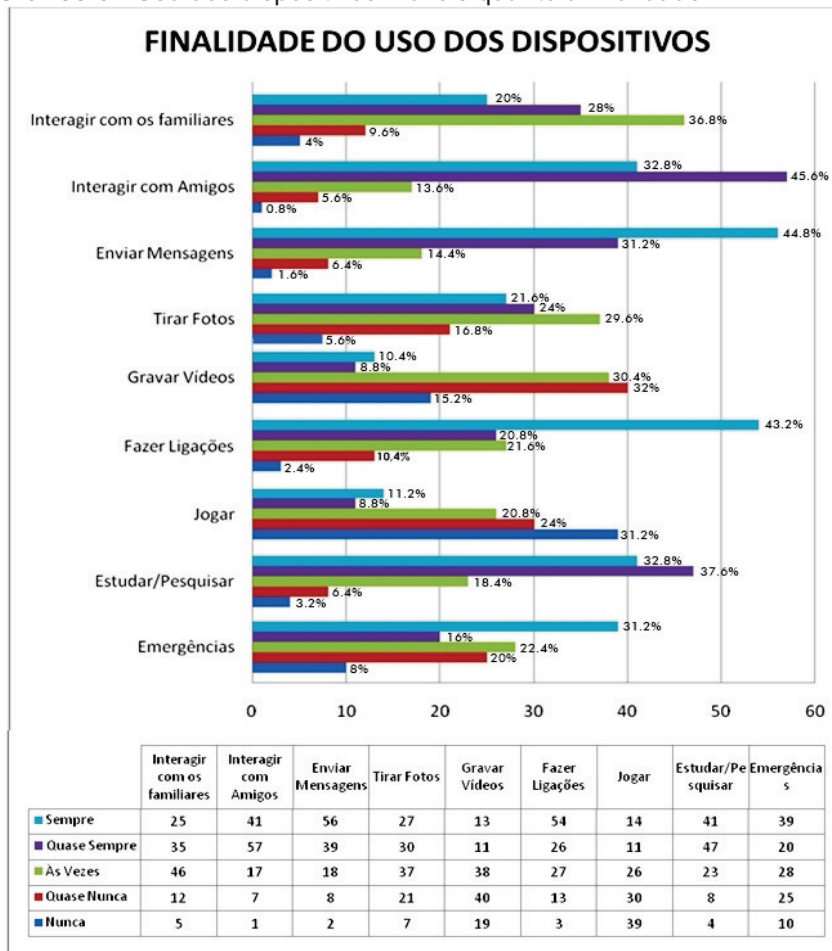
TEMPO DIÁRIO DE USO DOS DISPOSITIVOS (HORA/DIA)



Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015).

O gráfico 5 revela que, dos que responderam, 31.2% utilizam de 1 a 4 horas/dia, 28,8% 4 a 10 horas/dia, 14,4% 13 a 18 horas/dia, 13,6% 9 a 12 horas/dia, 6,4% 1 hora/dia e somente 3.2% 19 a 24 horas/dia.

Gráfico 6 - Uso dos dispositivos móveis quanto à finalidade.



Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015).

a) Interagir com os familiares

O gráfico apresenta uma variação da frequência do uso dos dispositivos móveis quanto à interação com familiares, que compreende 4% que nunca utilizam, 9.6% quase nunca, 36.8% às vezes, 28% quase sempre e 20% sempre.

b) Interagir com os amigos

A interação com os amigos é representada pelo gráfico que mostra que os sujeitos que nunca utilizaram os dispositivos móveis, totalizando apenas 0.8%, 5.6% quase nunca, 13.6% às vezes, 45.6% quase sempre e 32.8% sempre.

c) Enviar mensagens

O gráfico mostra que 1.6% dos sujeitos nunca utilizam os dispositivos móveis para enviar mensagens, 6.4% quase nunca, 14.4% às vezes, 31.2% quase sempre e a maioria 44.8% sempre.

d) Tirar fotos

A maioria dos participantes utiliza seus aparelhos para tirarem fotos, mas ainda existe uma amostra significativa de pessoas que não utiliza tal recurso. Isso pode ser verificado no gráfico, quando 5.6% dos participantes nunca tiram fotos com seus aparelhos, 16.8% quase nunca, 29.6% às vezes, 24% quase sempre e 21.6% sempre.

e) Gravar vídeos

No quesito gravar vídeo - representado pelo gráfico -, acontece o inverso do gráfico anterior, os participantes utilizam bem menos essa função dos seus aparelhos sendo que 15.2% nunca gravam vídeos, 32% quase nunca, 30.4% às vezes, 8.8% quase sempre e 10.4% sempre.

f) Fazer ligações

Diante da observação do gráfico que corresponde a utilização dos celulares para realizar ligações, 2.4% dos sujeitos nunca fazem ligações de seus aparelhos, 10.4% quase nunca, 21.6% às vezes, 20.8% quase sempre e a maioria dos participantes 43.2% responderam que sempre.

g) Jogar

O gráfico mostra a relação dos usuários quanto aos jogos disponíveis em seus dispositivos móveis. Portanto, 31.2% responderam que nunca usam para esse fim, 24% quase nunca, 20.8% às vezes, 8.8% quase sempre e 11.2% sempre.

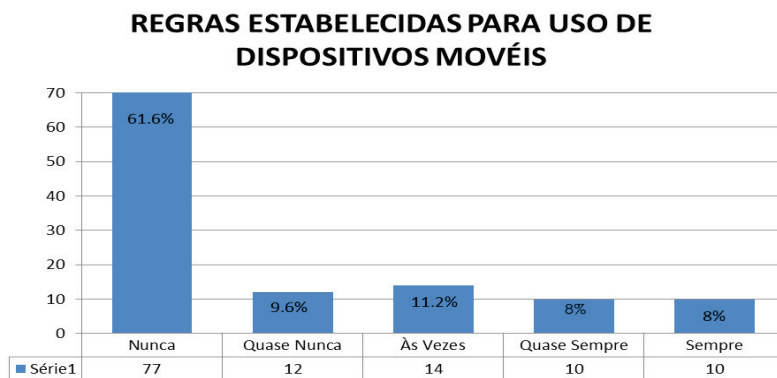
h) Estudar ou pesquisar

O gráfico aponta que 3.2% dos participantes nunca utilizam seus aparelhos para estudar ou pesquisar, 6.4% quase nunca, 18.4% às vezes, 37.6% quase sempre e 32.8% sempre.

i) Emergências

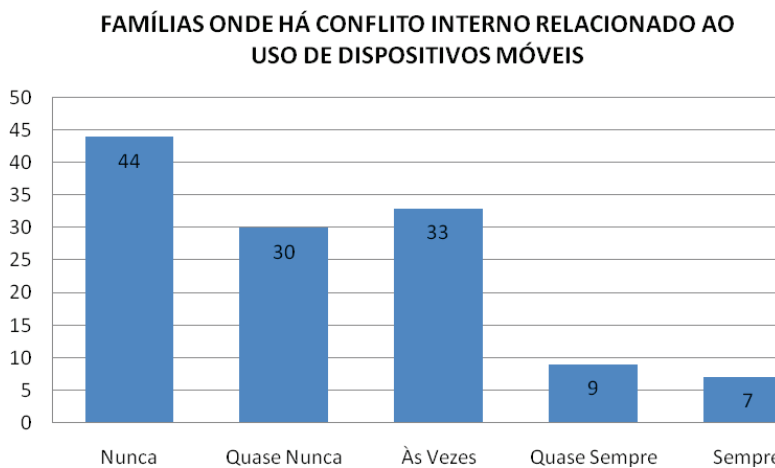
Neste quesito, as respostas variaram bastante, conforme o gráfico, apenas 8% nunca usam seus dispositivos móveis para algum tipo de emergência, 20% quase nunca, 22.4% às vezes, 16% quase sempre e 31.2% sempre.

Gráfico 7 - Regras estabelecidas em relação ao uso dos dispositivos móveis durante o tempo com a família.



Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015).

Gráfico 8 - Conflitos familiares relacionados ao uso dos dispositivos móveis.



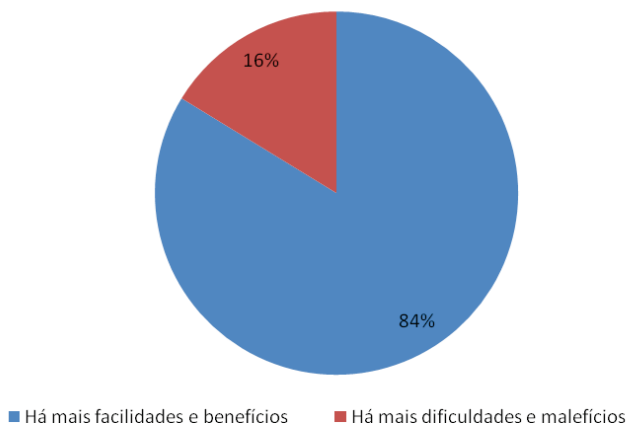
O gráfico 7 é representado pelas regras estabelecidas em relação ao uso dos dispositivos móveis, portanto, 61.6% dos participantes responderam que nunca foram colocadas regras de uso dos aparelhos, 9.6% quase nunca, 11.2% às vezes, 8% quase sempre e 8% sempre.

Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015)

O gráfico 8 representa conflitos familiares relacionados ao uso dos dispositivos móveis, sendo que 35.2% responderam que nunca, 24% quase nunca, 26.4% às vezes, 7.2% quase sempre e 5.6% sempre.

Gráfico 9 - Avaliando as facilidades e dificuldades relacionadas ao uso de dispositivos móveis em relação à vida familiar.

AVALIAÇÃO DAS FACILIDADES E DIFICULDADES RELACIONADAS AO USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS EM RELAÇÃO À VIDA FAMILIAR



Fonte: Edneia Dothling Linhares (2015).

O gráfico 9 indica a avaliação feita pelos participantes em relação às facilidades e/ou dificuldades que o uso dos dispositivos móveis causam à vida familiar. 84% acreditam que há mais facilidades e benefícios, enquanto 16% acreditam que há mais dificuldades e malefícios.

Considerando os participantes por faixa etária, nota-se que a utilização dos dispositivos móveis é mais recorrente nos grupos etários mais jovens. Em contrapartida, os grupos etários que fazem menos uso dessas tecnologias (*celular, tablet, notebook etc*) estão entre 48 e 52 anos de idade e, em sua maioria, são do gênero masculino.

Em contexto mais amplo, é possível inferir nos resultados uma maior participação do gênero feminino quanto ao uso de dispositivos móveis, sobretudo o telefone móvel, visto que, estas permanecem entre 1 a 10 horas diárias conectadas à rede.

Quanto às relações e à comunicação entre membros de um mesmo núcleo familiar, pode-se constatar que são estabelecidas sem, necessariamente, a intervenção de tais ferramentas de comunicação virtual. Vale ressaltar que apesar da redundância nos gráficos relacionados à interação social, sendo eles, Interagir com os familiares, Interagir com amigos, Enviar mensagens e Fazer ligações, Eles contribuem para reforçar os resultados obtidos.

Apesar de não haver regras para a maioria dos participantes quanto ao uso desses dispositivos no contexto familiar, não foi identificada a existência de conflitos internos no núcleo familiar que tenham sido ocasionados pelo uso dessas ferramentas. Quanto ao seu uso excessivo e sobre sua interferência nas relações interpessoais estabelecidas entre os membros da família, constatou-se que, durante refeições e/ou para estabelecimento de diálogos dentro de casa, os dispositivos móveis têm interferido negativamente.

Em relação às regras estabelecidas pelos pais e responsáveis para o uso de dispositivos móveis, foi possível observar que nas famílias nucleares compostas por 3 e até 5 pessoas na faixa etária entre 38 e 52 anos, sempre existem regras para o uso dos dispositivos móveis e os conflitos também são existentes.

Contudo, vale reforçar que, na opinião dos participantes, o uso de dispositivos móveis traz mais facilidades em relação à rapidez da informação, segurança, comunicação e várias funções desempenhadas com essa tecnologia. Por outro lado, a dificuldade apresentada pelos participantes está relacionada à forma correta e saudável de uso deste instrumento.

Considerações finais

A partir dos resultados da pesquisa, foi possível perceber a presença dessa tecnologia no cotidiano das pessoas e as funções utilizadas nas relações intrafamiliares e extrafamiliares. Concluiu-se que as mudanças ocorridas na dinâmica familiar não se devem somente ao fato da utilização dos aparelhos móveis. De acordo com a evolução da família ao longo do tempo, essas mudanças compreendem mais os aspectos sociais, econômico, político, religioso e cultural, alterando as estruturas e funcionamento nas relações.

Os dispositivos móveis não modificam a família, mas podem influenciar tanto de forma positiva quanto negativa, ou seja, a família continua a mesma, porém o impacto da utilização dos dispositivos varia de uma família a outra.

Concluiu-se ainda que o celular expandiu as possibilidades de comunicação em tempo real significando que a família está imersa nesta nova cultura digital, principalmente os jovens, que nasceram em uma época que já existiam grandes avanços tecnológicos, pois possuem mais habilidades para iniciar várias tarefas ao mesmo tempo. A necessidade que emerge neste contexto da cultura digital exige esforços por parte dos sujeitos em aprender a manusear e adaptar-se ao uso.

Quanto às funções que os dispositivos móveis desempenham na família, pode-se destacar sua utilização para promover segurança nas realizações das diversas atividades diárias, como a troca de informações.

É importante enfatizar que, no Brasil, pesquisas científicas sobre essa temática estão começando a se desenvolver. Em questões metodológicas, existe uma dificuldade de instrumentos para pesquisar sobre o uso das tecnologias móveis nas relações familiares.

Em relação à abordagem da pesquisa, acredita-se que seria interessante a construção e validação de escalas do tipo *likert*, possibilitando a análise da correção de variáveis. Por outro lado, uma abordagem qualitativa do tipo Estudo de Caso também enriqueceria a compreensão da subjetividade envolvida no uso das Redes Sociais como principal instrumento de relacionamento social.

Diante da escassez de publicações científicas sobre a temática, o corpo teórico do presente estudo abordou uma discussão ampliada. A partir desse estudo, pode-se pensar numa proposta voltada para a investigação das motivações do sujeito, bem como suas necessidades para manutenção dos laços afetivos com a família e grupos de amigos. Pode-se desenvolver também, estudos psicossociais relacionados aos impactos emocionais gerados nesta re(configuração) do sujeito.

Na perspectiva da Psicologia, investir em propostas de intervenção para os profissionais dessa área científica, conscientizando-os da necessidade de compreender uma nova produção de subjetividade, que emerge nesse novo espaço. Logo, a importância de a Psicologia acompanhar de perto essas transformações na subjetividade.

Referências

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DIAS, M. L. **Vivendo em família: relações de afeto e conflito**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

HINTZ, H. **Novos tempos, novas famílias?** Da modernidade à pós-modernidade. Pensando em famílias. N. 3, 2001.p. 8-19 disponível em <http://www.domusterapia.com.br/site/files/PF3HelenaHintz.pdf>. Acesso em 20 de agosto 2015.

LEMONS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 6.ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEVIN, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2.ed. São Paulo: Harbra, 1987.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999

- MÁTTAR NETO, J. A. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- MELMAN, J. **A família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares**. 2. ed. São Paulo: Editora Escritura, 2006
- MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos: organização e apresentação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicol. Soc.** vol.17 no.2 on line version ISSN 1807-0310. Porto Alegre May/Aug. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822005000200008&script=sci_arttext. Acesso em 25 de maio de 2015.
- OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução a Sociologia: As instituições sociais** –São Paulo: Ática, 1996.
- OSÓRIO, L.C. Novos rumos da família na contemporaneidade. *In*: OSÓRIO, Luiz Caros e VALLE, Maria Elizabeth P. (orgs.). **Manual de Terapia Familiar: volume II** – Porto Alegre: Artmed, 2011.
- RIBEIRO N; FIALHO K. **Relacionamento Virtual: O limite entre o uso e o abuso** – Goiânia: Kelps, 2013.
- SANTOS, L. E.; NASCIMENTO, V. **Ciência e Tecnologia na Idade Média**. Alunas do Curso de História da Fundação José Augusto Vieira da Cidade de Lagarto. Disponível em <http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/142_024219_CienciaeTecnologia.pdf>. Acesso em: 29 de agosto de 2014.
- SARTI, C.A. Família e individualidade: um problema moderno. *In*: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (orgs.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC / Cortez, 2003.
- SARTI, C.A. Famílias enredadas. *In*: ACOSTA, Ana Rojas, VITALE, Maria Amalia Faller (orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5.ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais – PUC/SO, 2010.
- TEIXEIRA, A. T. J; FROES, R. C; ZAGO, E. C. A comunicação e o relacionamento da família atual em virtude dos novos tempos. **Rec – Revista Eletrônica de Comunicação** – UniFacef. Edição 01. Jan/Jun 2006. Disponível em: <http://legacy.unifacef.com.br/rec/ed01/ed01_art01.pdf> Acesso em 21 de agosto de 2014.
- TEIXEIRA, I. **Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas**. 2014. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- VERZA F. **O uso do celular na adolescência e sua relação com a família e grupo de amigos**. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1979. Acesso em 10 de outubro de 2014.
- ZIMMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

Recebido em 25 de novembro de 2016.

Aprovado em 5 de abril de 2017.